

PSICOLOGIA & SOCIEDADE

Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia

Social

Brasil

Maia da Costa, Jonatas; Magalhães Goulart, Daniel
A SAÚDE HUMANA COMO PRODUÇÃO SUBJETIVA: APROXIMANDO CLÍNICA E CULTURA
Psicologia & Sociedade, vol. 27, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 240-242
Associação Brasileira de Psicologia Social
Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309338439024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Resenha

A SAÚDE HUMANA COMO PRODUÇÃO SUBJETIVA: APROXIMANDO CLÍNICA E CULTURA

LA SALUD DE LAS PERSONAS COMO PRODUCCIÓN SUBJETIVA: SE ACERCA LA CLÍNICA A LA CULTURA

THE HUMAN HEALTH AS A SUBJECTIVE PRODUCTION: APPROACHING CLINIC AND CULTURE

Jonatas Maia da Costa e Daniel Magalhães Goulart

Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil

Resenha de

González Rey, F. (2011). *Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.

É chegada em boa hora a coleção *Construindo o Compromisso Social da Psicologia* e, em destaque, a obra de Fernando González Rey intitulada *Saúde e Subjetividade: superando a clínica da patologia*, a qual o presente texto tem como intento resenhar. Antes, porém, de aprofundar as questões levantadas por este que é um dos mais recentes livros publicados pelo referido e prolífico autor, é válido o registro que tal coleção reúne um conjunto de importantes escritos que contribuem significativamente para uma mudança paradigmática da Psicologia e, ao mesmo tempo, influí na mesma direção em outras áreas de conhecimento com as quais mantêm afinidades epistemológicas e de intervenção social.

Dito isto, cabe-nos apresentar sinteticamente a referida obra e, quando oportuno, desdobrar questões que González Rey averiou neste que se constitui num grande trabalho de pesquisa que ascende a subjetividade como categoria basilar para os estudos no campo da saúde. A obra revela-se como uma síntese para aqueles que buscam compreender a Epistemologia Qualitativa e a Psicologia Social, tendo como esteio a discussão sobre a subjetividade fundamentada pelo referido autor. De forma concisa e clara, o livro aborda os conceitos fundamentais da Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultural-histórica e aponta para os seus potenciais heurísticos nas construções empíricas processuais, por meio de três estudos de caso. Dessa forma, a discussão apresentada

não somente é situada num plano conceitual mais abstrato, mas gera inteligibilidade sobre alcances concretos possíveis das balizas epistemológicas e ontológicas em questão, contribuindo para o avanço no debate sobre o compromisso social das pesquisas e das práticas profissionais no contexto assistencial à saúde. Estruturalmente, o livro está organizado em seis capítulos antecedidos por uma breve introdução. Constitui-se em três movimentos relativamente distintos, embora não haja referências desta divisão em seu sumário. O primeiro movimento circunscreve, nos quatro primeiros capítulos, o debate teórico da Teoria da Subjetividade (González Rey, 1997, 2002; Martínez, 2005) e os pressupostos epistemológicos e metodológicos da Epistemologia Qualitativa (González Rey, 1997, 2002, 2005a, 2005b) – expressão epistêmica da investigação científica elaborada por González Rey. Destaque para a categoria configuração subjetiva, a partir da qual os fenômenos humanos nunca são considerados entidades herméticas, mas processos humanos em constante desenvolvimento e definidos pelas especificidades de suas condições singulares de emergência. Desse modo, para o campo da saúde, o valor teórico dessa categoria reside no posicionamento de que nada pode ser dito *a priori*, permitindo o afastamento e a superação da lógica da taxonomia e da fragmentação, aspectos tão presentes na psicologia da saúde.

No segundo momento, que corresponde ao quinto capítulo, o livro aborda três estudos de caso, onde se torna possível visibilizar teoricamente como as categorias apresentadas na discussão teórica ganham vida em contextos humanos concretos. Vale ressaltar o valor metodológico aí presente, mediante apresentação de densas análises, a partir das quais se expressam de forma ímpar os possíveis alcances da metodologia construtivo-interpretativa. Ainda que tal perspectiva

tenha sido abordada em outros trabalhos do autor (González Rey, 1997, 2005), somente nesta obra os casos estudados ultrapassam a intenção predominante de discutir aspectos metodológicos específicos, tais como a noção de instrumentos e formas de construção da informação, para alcançar a condição de modelos teóricos elaborados de forma contundente dentro de uma temática específica, no caso, a saúde humana.

No terceiro momento, referente ao sexto e último capítulo, retoma-se o debate do processo saúde-doença através da recuperação de uma breve história da psicologia e sua relação com a medicina a partir da hegemonia positivista, para, na sequência, discorrer sobre a importância da abordagem cultural-histórica, no sentido de superar essa lógica. Parte significativa da psicologia soviética, em especial Vygostky, toma forma quando González Rey o aponta como precursor da ideia de que o pensamento é uma produção ontológica do ser humano e que isso só se constitui por meio da multiplicidade de processos da vida concreta do sujeito, que, por sua vez, está situada no meio social e na ação humana. Segundo o autor, estas questões foram basilares para se produzir o esteio necessário às pesquisas em torno da subjetividade.

De modo geral, pode-se dizer que dois aspectos são centrais no livro. O primeiro corresponde à discussão da emergência de outra concepção de saúde, que foge completamente aos padrões hegemônicos instituídos não só na Psicologia, como nas mais diversas áreas de conhecimento que perfazem o universo assistencial à saúde. Sobre isso, escancara-se a crítica de González Rey frente à apropriação hegemônica de uma perspectiva causal e determinista, no qual a patologia é representada por uma entidade que reduz o sujeito à condição de vítima de um ente externo a ele, desconsiderando completamente os processos de configuração subjetiva advindos de complexos desdobramentos do modo de vida da pessoa. O corolário disso foi a total perda da condição de sujeito por parte dos indivíduos atendidos em processos terapêuticos na medida em que as práticas médicas institucionalizadas tornaram o ser humano refém, indefeso e incompetente à frente de qualquer condição (dita) patológica.

Na esteira dessa compreensão, González Rey reivindica como imprescindível recuperar os aspectos subjetivos das doenças, articulando de modo contundente as dimensões culturais e sociais da saúde, amiúde desconsideradas em prol de uma concepção biomédica de base organicista e atomista. Nessa perspectiva, a saúde é concebida como a qualidade dos processos de vida, não como um atributo que se tem ou não. Ela passa a ser vista enquanto expressão

integral do desenvolvimento humano, de modo que sua promoção somente pode ser entendida como resultado integral do desenvolvimento humano, guardando o fundamental papel das instituições atuantes na sociedade em que ela é produzida. No caso da saúde mental, o transtorno deixa de ser apontado como entidade patológica *a priori* e passa a ser compreendido como uma configuração subjetiva de processos momentâneos da vida de alguém, processo que o impede de produzir novos sentidos subjetivos e que por ora o atormenta emocionalmente. Entretanto, face ao surgimento de uma “nova” psicoterapia é que se deve reconhecer no sujeito seu potencial gerador de sentidos subjetivos para uma mudança em seu modo de vida. Para o autor, “sem a emergência do outro como sujeito do próprio processo terapêutico não acontece mudança terapêutica” (p. 22). Nesse sentido, certamente as reflexões teóricas de González Rey nesse livro inscrever-se-iam em outros ramos de conhecimento que paulatinamente vêm corroborando outra perspectiva de atenção no campo da saúde, quais sejam aqueles destacados na Saúde Coletiva em autores como Breilh (1989), Laurell (1989, 1997) e Garcia (1983). Não obstante ser perceptíveis as nuances de distintos referenciais teóricos, é indelével a constatação de que tanto em González Rey como para esses autores, há uma presença maciça da defesa de um olhar para a saúde como produção social.

O segundo aspecto é a centralidade da articulação teoria e prática na opção pela Epistemologia Qualitativa como forma privilegiada de restaurar a capacidade criativa no âmbito teórico da parte do pesquisador. Tal ênfase situa as reflexões de González Rey como um exemplar exercício dialético da relação teoria e prática desde a defesa de que a teoria se processa pela análise crítica da prática sem, no entanto, fazer dela uma espécie de “panacéia dogmática” em torno do qual a trama conceitual teórica transporia todos os problemas da prática. Isso fica evidente quando se observa no livro as contradições e congruências entre diagnóstico, psicoterapia e pesquisa que, na discussão proposta por González Rey, acabam se interconectando como elementos de uma trama que não deve promover fragmentações.

À guisa de conclusão, não é exagero dizer que esta obra compreende um marco na obra do autor, na medida em que o livro de forma extremamente concisa – possuindo pouco mais de cem páginas – agrupa as principais categorias da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa, além de promover exemplos concretos de pesquisa empírica, articulando os elementos de intervenção profissional socialmente comprometidas, que, por sua vez, mostram-se como

uma alternativa aos modelos dominantes. Ademais, consolida González Rey como uma referência importante no debate do campo progressista em Saúde, tema com o qual o autor vem se desafiando nas últimas décadas. Parece ser leitura obrigatória por atender a tão cara expectativa de ver a ciência em diálogo permanente com os impasses cotidianos concretos. Na verdade, em González Rey, os desafios constantes que emergem da realidade no cenário da empiria – que não subjazem apenas a materialidade – é o combustível para se elaborar modelos teóricos que promovam inteligibilidade sobre os fenômenos humanos. Nas palavras do autor, é mister pensar novos rumos para a “Psicologia clínica e da saúde, permitindo novas práticas, novas formas de ver o homem e um novo modelo teórico orientado a produzir inteligibilidade sobre processos até agora não considerados na pesquisa e nas práticas da Psicologia” (p. 19). Em meio a isso e cônscios de que o tema da subjetividade é ainda “secundário e periférico na instituição médica da saúde” (p. 25), cabe-nos então a árdua tarefa de continuar a explorar esses campos ainda “não considerados”, reforçando assim um nível de investigação que ao saber-se processual necessita constantemente ser refletida e criticada e que sempre deve manter-se comprometida com um projeto de sociedade mais humana e justa em todas as suas dimensões.

Referências

- Breilh, J. (1999). *Saúde na sociedade: guia pedagógico sobre um novo enfoque do método epidemiológico*. Rio de Janeiro: Cortez.
- González Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Habana: Pueblo y Educación.
- González Rey, F. (2002). *Sujeto y subjetividad: una aproximación histórico-cultural*. Ciudad de México: Thomson Learning.
- González Rey, F. (2005a). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2005b). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Laurell, A. C. (1989). *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec.
- Laurell, A. C. (1997). *La reforma contra la salud y la seguridad social: una mirada crítica y una propuesta alternativa*. Ciudad de Mexico: Era.
- Martinez, A. M. (2005). A Teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In F. González Rey. (Org.), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 1-25). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Submissão em: 09/01/2014

Aceite em: 15/01/2014

Jonatas Maia da Costa é professor da Faculdade de Educação Física da UnB. Doutorando em Educação pela UnB. Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro. Faculdade de Educação Física. Asa Norte. Brasília-DF. CEP 70910-970.

E-mail: jonatascosta@unb.br

Daniel Magalhães Goulart é doutorando e mestre em Educação pela Universidade de Brasília (FE-UnB), Psicólogo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e Bacharel Especial em Pesquisa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

E-mail: danielgoulartbr@yahoo.com.br